



Trabalhos Científicos

Título: Sífilis Congênita: Panorama Brasileiro Antes E Durante A Pandemia Pela Covid-19

Autores: Maria Victhória Mendes dos Santos / ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PAIS, FAMILIARES, AMIGOS E CUIDADORES DE BEBÊS PREMATUROS ; Amaranta Rangel Ramos / ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PAIS, FAMILIARES, AMIGOS E CUIDADORES DE BEBÊS PREMATUROS; Amanda Paz Santos / ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PAIS, FAMILIARES, AMIGOS E CUIDADORES DE BEBÊS PREMATUROS; Caroline Agliardi / ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PAIS, FAMILIARES, AMIGOS E CUIDADORES DE BEBÊS PREMATUROS; Ananda Cristina Ferreira Mendes / ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PAIS, FAMILIARES, AMIGOS E CUIDADORES DE BEBÊS PREMATUROS; Aline Carla Hennemann / ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PAIS, FAMILIARES, AMIGOS E CUIDADORES DE BEBÊS PREMATUROS;

Resumo: A sífilis congênita (SC) é uma doença de notificação compulsória, decorrente da disseminação hematogênica do *Treponema pallidum*, sendo transmitida predominantemente pelo contato sexual. Outra forma de transmissão é a vertical, a qual ocorre durante a gestação ou período do parto, isso acontece quando a gestante adere pouco ou nada ao tratamento da sífilis. Essa forma de transmissão permanece um grande problema de saúde pública no Brasil. A SC é responsável por altas taxas de morbidade e mortalidade, podendo chegar a 40% a taxa de abortamento, óbito fetal e morte neonatal, sendo agravado a situação na pandemia por causa da COVID-19 por causar baixa procura a atendimento. Dentre as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's) que podem ser transmitidas ao longo do ciclo grávido-puerperal, a sífilis é a que tem as maiores taxas de transmissão. A SC pode apresentar dois estágios: precoce, diagnosticada até dois anos de vida e tardia após esse período. O objetivo deste trabalho é descrever o cenário de sífilis congênita no Brasil antes e durante a pandemia pela COVID-19. Trata-se de uma busca na plataforma do Datasus nos anos de 2019 e 2020, disponível em Informações de Saúde (TabNet) em Epidemiológicas e Morbidade e Doenças de Agravos de Notificação (SINAN). O número de casos de sífilis em gestantes tem aumentado nos últimos anos, entretanto a taxa de detecção por mil nascidos vivos também têm sido elevada, XXX. Considerando a idade gestacional, o 1º trimestre está em maior prevalência de diagnóstico comparado ao 2º trimestre (40,8% e 23,8%). Com relação a idade da criança, 96,7% são diagnosticadas com menos de 7 dias de vida e a faixa etária materna com maior número de diagnósticos é a de 20 a 29 anos, com um percentual de 55,7% em 2019 e 55,6% em 2020, com maior distribuição segundo a escolaridade naquelas com ensino médio completo 20,8% em 2019 e 23,1% em 2020. A raça na qual predomina o diagnóstico positivo é a parda (52,1%), ficando em segundo lugar a branca (28,1%). No que diz respeito à classificação clínica, a sífilis latente é a mais prevalente. Em média 82,1% das gestantes realizaram pré-natal e 55,9% receberam o diagnóstico no pré-natal, entretanto, analisando o esquema de tratamento somente 5,75% realizaram o esquema de tratamento adequado. Observou-se que houve um aumento no número de casos de sífilis em gestantes durante a pandemia de COVID-19, e que poucas obtiveram um tratamento adequado pois muitas expressaram medo de comparecer a unidades de saúde, o que indica falha nas ações públicas. São necessárias medidas mais efetivas de prevenção para um controle da sífilis adequado. Necessita-se de uma melhora na qualidade dos serviços de saúde, através da capacitação das equipes, visando uma melhora na qualidade de vida das gestantes/puérperas e dos conceptos.